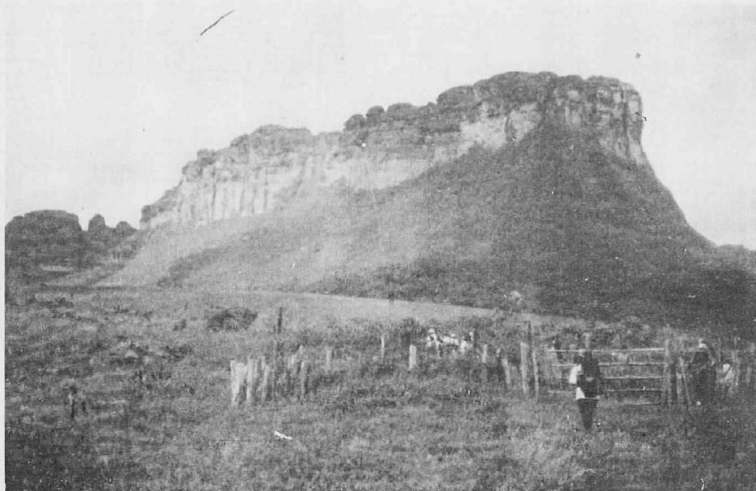


REPÓRTER L&I

CARLOS RIBEIRO

"Trekking" leva baianos ao paraíso perdido do Vale do Paty

Caminhar por locais insólitos, andar em trilhas abertas há dezenas de anos, mas onde pouca gente já se aventurou. Conhecer paisagens sobre as quais poucos olhos deitaram sua admiração. Isto é "trekking". Pura emoção. O "Lazer&Informação" trouxe, desta vez, o Vale do Paty. Conheça conosco este paraíso.



Um lugar poderoso, mágico, transformador, que dá vazão às mais belas fantasias

no Brasil, com tais características e sua organização social perfeita". Uma Shangri-Lá, enfim, na qual, devido à quase inacessibilidade dos seus caminhos, viviam pessoas semi-isoladas da civilização há mais de um século e meio.

ATRAVÉS DOS GERAIS

Doze de julho de 1991. O guia da expedição, Roy Funch, 42 anos, 12 dos quais dedicados ao conhecimento da Chapada Diamantina, dava as últimas instruções ao grupo, formado na maioria por profissionais liberais, sobre a necessidade de se reduzir ao máximo o volume das bagagens no "trekking"; o peso é inversamente proporcional ao prazer que a caminhada pode proporcionar. Estávamos no Vale do Capão, município de Palmeiras, região fértil habitada nos últimos anos por descendentes do modo de vida urbano (ou preletamente, pelo menos, do que há de pior neste). Ali, próximo a comunidades alternativas, como a Lohlorien, do médico Augusto, e a

Shangri-Lá, de José Duarte e Silvie, iniciamos a caminhada com destino ao Vale do Paty.

De cara, pegamos logo uma subida íngreme, duas horas por uma trilha estreita, atravessando capões de matas, subindo sempre até o Gerais do Vieira. Ali, o grupo silenciou, fascinado, diante de uma paisagem ampla, horizontes largos e luminosos, um vento quase gelado movimentando um tapete de graminhas e flores silvestres. Mas era apenas o começo. Enquanto caminhávamos, multiplicavam-se as maravilhas: jardins naturais de bromélias, orquídeas, sempre-vivas e no horizonte uma seqüência fantástica de esculturas de pedra, banhada agora pelo sol do entardecer, imprimindo matizes que transitavam facilmente do vermelho para o verde e o cinza-escuro das fendas e das grotas. Não nos surpreenderia se subitamente um pterodactilo pousasse na borda das serras, fazendo um barulho dos diabos com suas asas, ou se um Ircarãtopos irrompesse majestosamente de algum abismo, urrando para a eternidade.

Mas, fantasias à parte, tudo permaneceu na santa paz de Deus. À noite se aproximava e linhamos que montar acampamento. Nas proximidades de uma cascata cristalina, armamos nossas barracas, e recebemos a noite com uma fogueira, em torno da qual, como os nossos antepassados, sentimos, entre uma conversa e outra, que a diferença entre o dia e a noite é algo muito mais profundo que o simples "dia" das luzes da cidade. A três passos da fogueira, 13°C nos lembravam que na serra não se pode beber. Lá, o frio mata.

O PATY HOJE

No dia seguinte, deixamos as bagagens no acampamento e seguimos por cerca de 10km, até a borda do vale. Meio-século antes da nossa chegada, o Sr. Milton havia "divisado" da borda de um imenso penhasco, lá embaixo, branqueando a luz do sol que morria lentamente, com o verde intenso dos pomares e caulezais contrastando com o escuro das agressivas formações rochosas, que a cercavam, a beleza inesquecível da famosa vila: "Para nós, a própria Shangri-Lá dos nossos sonhos".

Agora, no entanto, não víamos nenhum vestígio da presença humana — nada além de alguns focos de queimadas, que surpreendentemente estão presentes até mesmo nas localidades mais isoladas. O logo parece ser a única expressão unânime dos habitantes das serras, sejam eles garimpeiros, vaqueiros ou agricultores. "Na Chapada", segundo Roy,

"o fogo é usado para tudo: para espantar cobras, para revelar a caça ou, simplesmente, para abrir caminhos. Faz parte da cultura".

Diante dos nossos olhos, quase não havia mais vestígios do paraíso social dos sonhos do Sr. Milton. A prospera comunidade transformara-se num tosco ajuntamento de taperaes, e no lugar das extensas plantações de café víamos apenas os campos incolores dos gerais, utilizados hoje como alimento para o gado das fazendas que circundam aquele oásis, nos meses de seca.

O que aconteceu ao paraíso?

A DECADÊNCIA

"O que fizeram à comunidade do Paty foi um crime, um genocídio silencioso, sem derramamento de sangue praticado por burocratas



CARLOS RIBEIRO é jornalista e colaborador do "Lazer&Informação"

e corruptos que o varreram do mapa". O depoimento prestado pelo Sr. Milton, na sala de estar do seu apartamento, no bairro da Vieira, demonstra a emoção forte de uma pessoa que viveu o suficiente para ver um sonho de juventude ser, também, "varrido" pela aplicação absurda de certos planos governamentais que pretendem ser os "salvadores da pátria". Tudo começou no fim da década de 60, com mais um plano de salvação nacional, o da erradicação do café, posto em execução em todo o Brasil. "O plano em si era excelente", diz o Sr. Milton. "Se executado corretamente, proporcionaria uma diversificação de culturas e uma produção equilibrada. O País produziria café em menor quantidade, aumentando, em contrapartida, a produção de milho, feijão, arroz, farinha etc. O que, inclusive, contribuiria para o barateamento do custo de vida. A forma de executá-lo, no entanto, foi um desastre".

Com a vaga promessa de um pagamento que nunca foi efetivado na sua totalidade e com a ameaça de repressão por parte do Exército, os produtores capitularam. Arrancaram até o último pé de café, limpando completamente o terreno para outras culturas que jamais foram feitas. Por um motivo simples: o solo dos gerais, ácido e sem nutrientes, não se prestava para nada mais além do cultivo do café. O procurador, no entanto, foi inflexível: o pagamento só seria completado quando tudo o que tivesse sido plantado nascesse. O final da história é melancólico: as plantações não medraram. Fiscais do governo retornaram ao Paty, fizeram novas medições e chegaram à conclusão de que as roças eram menores do que os cálculos feitos anteriormente apontavam. A comunidade foi intimada a devolver o pouco que recebera, sob pena de ação judicial.

Foi assim que a famosa vila foi varrida do mapa da Bahia, e sua comunidade, única no Brasil, com filosofia de vida exemplar, organização social quase perfeita, honrada, digna, saudável, ativa e bela foi brutal e criminosamente destruída, dispersando-se pelos confins da Chapada Diamantina".

RETORNO

Às 10 horas da manhã do dia 14, iniciamos a caminhada de volta ao Vale do Capão. No percurso, uma visita à Cachoira das Esmeraldas, preciosidade praticamente desconhecida pelos raros visitantes, a travessia de campos rupestres cobertos de flores e da serra, de onde podíamos ter uma visão privilegiada das amplas costas gerais. Se não tivéssemos, desta vez, o contato com um paraíso natural, levaríamos conosco, no entanto, as imagens de um mundo cada vez mais raro nos tempos de hoje.



- AGOSTO**
- Dia 3 — Passeio ciclístico em Pituçu.
 - Dia 6 — Palestra: Vale do Paty, por Milton Oliveira.
 - Dia 15 — Trekking: Contorno da Ilha de Maré.
 - Dia 15 — Palestra: Homem/Natureza: Necessidade de interação, por Eugénia Queiroz.
 - Dias 17 a 18 — Expedição: Tabuleiro da Pedra Branca.
- SETEMBRO**
- Dia 3 — Audiovisual e palestra: Complexo Cavernas do Padre, por Aloisio Cardoso.
 - Dias 7 e 8 — Trekking: Praia do Forte-Porto Saupe.
 - Dias 9 a 12 — Curso Básico de Ecologia: Ciência, Política e Cidadania, por Elmano Passcoal.
 - Dia 17 — Passeio ciclístico em Itaparica.
 - Dias 21 a 26 — Expedição para o oeste baiano: Complexo Cavernas do Padre, Correntina e Jaborandi.

Os "trekkistas" e o descanso na imensidão do Vale do Paty.

